

**A + B (24 out. 1886)\***

A. – “...Nós ontem ouvimos o nobre senador pela Bahia, aliás um parlamentar de talento...”<sup>1</sup>

B. – Eh!<sup>2</sup> Olá! pare, homem!

A. – “...Tão distinto, falar no descrédito do parlamentarismo...”<sup>3</sup>

B. – Pare, pare! Que distração é essa?

A. – Ah! és tu! Vou lendo este discurso do nosso Martinho Campos,<sup>4</sup> que só agora saiu impresso; aqui está; lê comigo.

B. – Não posso. Vou com pressa; vou à cata de notícias.

A. – Notícias de quê?

B. – Há dias correu aqui,<sup>5</sup> que uns dous coronéis ensaiavam o voo para uma revolução no Estado Oriental. Vou saber o que há. Que alguma coisa há de haver, creio; a prova é que o general Santos,<sup>6</sup> prestes a sair para a Europa, resolveu ficar e esperar. Nota que a viagem para ele é indispensável, por causa do ferimento que recebeu, e que exige completa cura; mas, apesar de tudo, o general fica. Eu faria a mesma coisa.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 297, p. 3, 24 out. 1886), DRR (p. 47-50) e OCA2008 (v. 4, p. 668-670). Texto-base: GN. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

<sup>1</sup> talento...”] talento... – em GN e em DRR. Acolhemos, nesta edição, as aspas introduzidas em OCA2008.

<sup>2</sup> Eh!] Eu! – em DRR e em OCA2008.

<sup>3</sup> As falas de A, entre aspas, são transcrições quase exatas de trecho do discurso do senador Martinho Campos, pronunciado em 1º de outubro de 1886, no senado (publicado no *Jornal do Commercio* de 17 de outubro, p. 1). Transcrevemos um trecho do referido discurso: “Não é inútil fazer essas observações; nós ouvimos ontem o honrado senador pela Bahia, aliás um parlamentar de talento distinto, falar no descrédito do parlamentarismo.” O senador pela Bahia a que se refere Martinho Campos é Leão Veloso, que, num aparte, esclareceu: “Perdão, não falei em descrédito, falei na minha descrença.”

<sup>4</sup> Martinho Campos,] Martinho de Campos, – em DRR e em OCA2008 (nestas edições nesta crônica – porém, não nas outras –, o nome do senador vem assim grafado em todas as ocorrências).

<sup>5</sup> aqui,] aqui – em OCA2008.

<sup>6</sup> Para informações sobre o general Santos, ver nota n. 3 em “A + B (12 set. 1886)”. Não localizamos informações sobre a possível viagem do presidente uruguaio à Europa. Sobre a “revolução”, ver também a nota n. 15, adiante, nesta crônica.

A. – Eu faria outra cousa.

B. – Que farias tu?

A. – Suprimia os coronéis.

B. – Matando-os?

A. – Não, homem de Deus!<sup>7</sup> suprimia os postos; nem coronéis nem generais. Eu faria decretar que todos os filhos de república fossem cabeleireiros. Cabeleireiro, como se sabe, é o mais pacato dos cidadãos de um Estado. Outros que o solapem, que deitem fogo às instituições; o cabeleireiro compõe as cabeças, e, quando muito, abre uma espécie de estrada da liberdade, que alegra a vista, sem alteração da ordem... Mas vamos ao Martinho Campos.

B. – Singular disparate! Mas se todos fossem cabeleireiros, a quem é que eles penteariam, pateta?

A. – Uns aos outros, pateta! reciprocidade capilar, permuta de penteadelas, troca de pomadas. Em vez disso, a república<sup>8</sup> tem os seus coronéis, que aspiram ao governo supremo, como o ex-coronel Santos, embora não tenham o mesmo pulso. Crê nisto; os nossos vizinhos ainda estão na idade geológica do general. Um sujeito que não gosta de Santos, dizia-me há meses, com simplicidade: *No comprendo hombre político sin galones*.

B. – E por isso queres os cabeleireiros?

A. – Sem galões.

B. – Mas então o cabeleireiro não é homem? Não há de aspirar também ao governo do Estado? Quem faz pastinhas não pode distribuir pasta? Perdão, mas tu és capaz de levar-me ao desespero, ao suicídio, ao *calembour*, ao assassinato!<sup>9</sup>

A. – Está bom, sossega, respira. Vamos para este corredor... Não foi nada; respira. Ouve agora o Martinho Campos...

B. – Deixa-me respirar ainda um pouco. Há por aí alguém que nos tivesse ouvido?

---

<sup>7</sup> Não, homem de Deus!] Não, homem de Deus, – em DRR e em OCA2008.

<sup>8</sup> república] República – em OCA2008.

<sup>9</sup> *calembour*, ao assassinato!] *calembourg* ao assassinato! – em GN. Era comum os compositores tipográficos introduzirem o “g” na palavra *calembour*, tanto que Machado de Assis, na crônica de “A Semana” que publicou na *Gazeta de Notícias* de 10 de novembro de 1895, terminou assim o texto, chamando a atenção aos tipógrafos: “Rimei acima milhões com brasões; posso agora empregar a toante espanhola, e rimar *capitães* com *capitais*, mas podem acusar-me de trocadilho, e eu prefiro ficar calado a fazer um *calembour*, – *calembour* sem g, meus bons amigos da revisão.”

A. – Ninguém.

B. – Nenhum desfalque, ao menos?

A. – Nenhum... isto é, não juro. Os desfalques são como as chuvas deste mês; está um céu muito bonito, de repente, zás, uma bátega d'água.

B. – Depois o céu fica outra vez bonito.

A. – Fica ainda mais bonito. E o Martinho Campos também tratou desse ponto, mas sempre exagerado; disse que o caso de Pernambuco é o duodécimo, em três anos, e que isto revela profunda corrupção.<sup>10</sup>

B. – Corrupção profunda é demais; digamos que o passarinho está *faisandé*, ou – portuguesmente –,<sup>11</sup> tem uma pontinha de fedor. Mas, corrupção profunda! Era isso o que querias mostrar-me?

A. – Não;<sup>12</sup> era estoutro ponto. O ilustre senador, falando do parlamentarismo, declarou que este em si é excelente, mas que no nosso país está corrompido.

B. – Corrompido.

A. – Há três opiniões neste negócio: a do senador Uchôa, que o julga inconstitucional, a do senador Leão Veloso, que lhe perdeu a fé,<sup>13</sup> e a do senador Martinho Campos, que o acha corrompido. Qual das três lhe parece melhor?

B. – A melhor é a do meu alfaiate, que não me faz roupa senão por medida. “Se o senhor vestir um paletó do José Telha,<sup>14</sup> disse-me ele no sábado, fica demasiadamente

---

<sup>10</sup> No discurso de Martinho Campos (*Jornal do Commercio*, 17 out. 1886), a que já nos referimos na nota 3, há um trecho parafraseado por Machado de Assis, nesta fala de A. Nós o transcrevemos aqui: “O fato, por exemplo, da tesouraria de Pernambuco é talvez o duodécimo em menos de três anos que revela corrupção profunda.”

<sup>11</sup> – portuguesmente –,] portuguesmente, (sem os travessões) – em OCA2008.

<sup>12</sup> Não;] Não é, – em DRR e em OCA2008.

<sup>13</sup> Ver a opinião do senador Leão Veloso, expressa em palavras dele, na nota n. 3, nesta crônica; e a opinião do senador Uchôa na nota n. 23 em “A + B (4 out. 1886)”.

<sup>14</sup> José Telha, disse-me ele no sábado, fica] José Telha”, disse-me ele no sábado, “fica – em OCA2008. José Telha é pseudônimo de outro colunista da *Gazeta de Notícias*; sua coluna tinha o título de MACAQUINHOS NO SÓTÃO. Como com seu paletó o João das Regras ficaria “demasiadamente vestido”, é de supor-se que fosse gordo. Ferreira de Araújo, um dos donos da *Gazeta*, que era gordo, publicava sem assinatura a coluna “Cousas políticas”, e, com o pseudônimo de Lulu Sênior, o folhetim “Às quintas”, além de ser um dos redatores, com o mesmo pseudônimo, da coluna “Balas de estalo” (de que Machado de Assis participava com o pseudônimo de Lélío). A obesidade não era, evidentemente, exclusividade de Ferreira de Araújo. Mas, que José Telha fosse gordo, ele mesmo o diz numa de suas colunas: “Quando eu dizia, pois, que voltava à vaca fria, queria dizer simplesmente que tenho obtido muito boas e exatas explicações sobre o assunto da gravura que esta folha tem publicado, com grande mágoa de um cavalheiro, de que já nem posso citar as iniciais, porque me ameaçou há dias de mandar ver como eu sou feito pelo lado de lá das banhas.” (*Gazeta de Notícias*, p. 1, 14 out. 1886) Que ele (José Telha) fosse Ferreira de Araújo, além de indícios diversos, há uma matéria publicada no *Diário Mercantil*, de São Paulo, que foi transcrita pela *Gazeta de Notícias* (p. 1, 25 dez. 1888), que o comprova. Dessa matéria

vestido, e depois há de queixar-se do paletó e os seus amigos hão de dizer que o paletó está corrompido, e faz perder a fé – ou então que é inconstitucional...”<sup>15</sup>

A. – Discordo inteiramente, porque um paletó muito largo, ainda que não dê elegância, agasalha. É a opinião de todos os coronéis que se rebelam contra o general Santos;<sup>16</sup> uma vez no governo, é certo que não o largam mais das unhas; mas nenhum deles deitará fora este nome de república, que é um vasto poncho consolador.

B. – *Amen!*<sup>17</sup>

JOÃO DAS REGRAS

### **Lista das abreviaturas empregadas nesta edição**

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar (2008).

---

transcrevemos o seguinte trecho (a propósito de Ferreira de Araújo): “As suas *Cousas Políticas* são um modelo no gênero; o público espera-as ansiosamente certo já da calma e da reflexão que as inspira; espera-as e mais do que isso, aceita-as, aplaude-as quase sempre, tal é a lógica que as enche, tal é o desapaixonado critério que as regula. A crônica da semana tem sido muitas vezes escrita por ele, na ausência do redator especial, e com uma frescura de estilo, uma originalidade e um pitoresco de observação acima de todo o louvor. Os *Macaquinhos* e as *Balas* aí estão também, duas seções magníficas de graça, onde das cousas patuscas da nossa terra, riu por tanto tempo, com uma jovialidade sem rancor, o espírito de Lulu Sênior...” Raimundo Magalhães Júnior sabia, e informa, em DRR, que José Telha era um pseudônimo de Ferreira de Araújo. Julgamos conveniente, entretanto, dar um caminho (que seguimos) para o esclarecimento dessa questão.

<sup>15</sup> Sobre o “paletó”, diz Sidney Chalhoub: “Ao concluir a série, no texto de 24 de outubro de 1886, volta [o cronista, ou o texto] ao ponto de partida, ao general Santos e ao fato de que todos queriam vestir o paletó do poder, ainda que a peça não se lhes adequasse ao figurino: [segue a citação das palavras finais da crônica]. (CHALHOUB, 2005, p. 83)

<sup>16</sup> A *Gazeta de Notícias* do dia 23 (véspera da publicação desta crônica), p. 1, col. 1, trazia o seguinte telegrama de Buenos Aires, datado do dia 22: “Rebentou a revolução na campanha do Uruguai. Os insurgentes são comandados pelo coronel Galarza, e parece fora de dúvida que a insurreição é promovida pelo coronel Latorre, ex-presidente da república Oriental. / Não se pode por enquanto julgar da gravidade do movimento, mas o que se sabe já é que os revolucionários foram repelidos na sua tentativa de transpor o rio Uruguai, pelas forças legais que se achavam de sobreaviso.” Aí estão os nomes dos “coronéis” mencionados pelo cronista – pelo menos dos principais. Nos dias anteriores já circulavam na imprensa notícias dessa insurreição; daí se entende o estarem de “sobreaviso” as forças fiéis ao governo.

<sup>17</sup> *Amen!* *Amem!* – em DRR e em OCA2008. Essas duas edições, aparentemente, aportuguesaram a palavra, mas mantiveram o itálico (razão pelo qual não a acentuamos neste registro da variante).

## Referências<sup>18</sup>

A ABOLIÇÃO no parlamento: 65 anos de luta (1823-1888). Apresentação do presidente José Sarney. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2012. v. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZLKPRb>>.

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 255, p. 1, 12 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZYMQYY>>.

ASSIS, Machado de. A + B. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 259, p. 1, 16 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2WhuO3m>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 264, p. 1, 22 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/EQq2h>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 271, p. 1, 28 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEI1E>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 277, p. 1, 4 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEI1E>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 287, p. 1, 14 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/PszNX>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 297, p. 3, 24 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/dUmIk>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012. Disponível em: <<https://url.gratis/besQw>>.

CASTAGNA, Paulo. A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional (HMB – Apostila 10). In: *Apostilas do curso de História da Música Brasileira*. [São Paulo]: Instituto de Artes da UNESP, 2003. 15 v. Disponível em: <<https://bit.ly/2Cjx3wp>>.

---

<sup>18</sup> As referências, apresentadas ao final de cada crônica, contêm as obras consultadas na preparação da edição de todas elas.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias. A série A + B de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Org.) *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 67-85.

DIÁRIO da câmara dos senadores do Império do Brasil. Disponível em: <<https://url.gratis/8WkwR>>.

FLORIAN, Jean-Pierre Claris de. Le singe qui montre la lanterne magique. In: *Fables de Florian*. Limoges: E. Ardant, 1874.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtPIHX>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IZZO, Francesco. *Laughter between two revolutions: opera buffa in Italy, 1831-1848*. Rochester, NY: University of Rochester Press, 2013. p. 22. Disponível em: <<https://url.gratis/usejb>>.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MALHERBE, François de. *Poésies de Malherbe*. Paris: Louvre, 1797.

MOLIÈRE. *Le médecin malgré lui*. (Université Paris 4 – Sorbonne) Disponível em: <<https://bit.ly/3ezYsY1>>.

MOURA, Monize Oliveira. As turnês de Sarah Bernhardt no Brasil (1886, 1893, 1905): contribuições para o estudo da presença teatral estrangeira no Brasil no final do século XIX. *Revista Sala Preta*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 84-99, 2017. Disponível em: <<https://url.gratis/7zy2Q>>.

MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Belo Horizonte, *Cadernos de História*, v. 11, n. 15, p. 9-34, 2º sem. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3ibpmZa>>.

NABUCO, Joaquim. Sarah Bernhardt. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 maio 1886.

REGIMENTO interno da Câmara dos Deputados acompanhado do Regimento comum, Constituição política do Império, Ato adicional, Lei de interpretação, Lei da

responsabilidade dos ministros e dos conselheiros de Estado. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227291>>.

RUFUS, Quintus Curtius. *De rebus gestis Alexandri Magni (Life and exploits of Alexander the Great)*. New York: Appleton Company, 1854. Disponível em: <<https://url.gratis/QAuTk>>.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Otelo*. 3. ed. rev. Trad. Onestaldo de Pennafort. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SOUSA, Eveline Almeida de. Henrique Beaurepaire Rohan e o espaço rural brasileiro no oitocentos. In: I SEMINÁRIO internacional Brasil no século XIX. Disponível em: <[https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline Almeida de Sousa.pdf](https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline%20Almeida%20de%20Sousa.pdf)>.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.  
Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://bit.ly/30oyZvB>>.